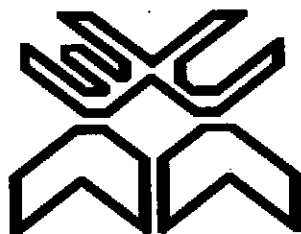


Lt 152



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA**

**ATRIBUIÇÃO DE NOMES AOS BAIRROS NA  
CIDADE DE MAPUTO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em linguística da universidade Eduardo Mondlane

**NATÉRCIA SÍLVIA FAIFE MANHENJE**

Maputo, 2005

LT.152

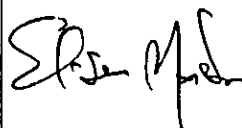
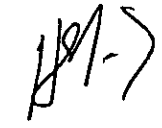

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA**

**A ATRIBUIÇÃO DE NOMES AOS BAIRROS NA  
CIDADE DE MAPUTO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane.

SUPERVISOR: Prof. Doutor Henrique Nhaombe

**O JURI**

<u>O PRESIDENTE</u>	<u>O SUPREVISOR</u>	<u>O Oponente</u>	<u>DATA</u>
			19/09/05

U.E.M. - F.L.C.S.

R. E	30466
DATA	21.10.2005
AQUISIÇÃO	12.10.2005
COTAL	11-152

Maputo, 2005

## ÍNDICE

Declaração -----	2
Dedicatória -----	3
Agradecimentos -----	4
<b>CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO</b>	
1.0 Introdução -----	5
1.1 Hipóteses e Delimitação do Tema -----	6
1.2 Objectivo -----	7
1.3 Motivação -----	7
1.4 Importância -----	7
1.5 Contextualização do estudo -----	8
1.5.1 Perfil Linguístico da Cidade de Maputo -----	8
1.5.2 Língua Tsonga -----	11
<b>CAPÍTULO II: REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA</b>	
2.0 Introdução-----	12
2.1 O Nome -----	12
2.2 Classes nominais -----	13
2.3 Locativização -----	19
2.4 Onomástica -----	20
2.5 Derivação -----	20
2.5.1 Derivação própria-----	21
2.5.2 Derivação imprópria -----	21

2.5.3 Derivação regressiva -----22

2.5.4 Derivação parassintática-----22

### **CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

3.1 Metodologia -----23

3.1.1 Natureza da investigação -----23

3.1.2 Selecção do corpus -----23

3.1.3 Constrangimentos -----23

### **CAPÍTULO IV: ANÁLISE DE DADOS**

4.0 Introdução -----25

4.1 Atribuição de nomes aos bairros da Cidade de Maputo -----25

4.2 Origem e descrição dos nomes -----28

4.2.1 Nomes de bairros em língua europeia -----29

4.2.2 Nome de bairros em língua local -----30

4.2.2.1 Nomes que não sofreram transformações aparentes -----30

4.2.2.2 Nomes de bairros formados por derivação -----34

### **CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

5.1 Conclusão -----41

5.2 Recomendações -----45

**BIBLIOGRAFIA -----46**

**ANEXOS**

## DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação.

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu filho Cleiton Fernandes Muianga e meu esposo Nandinho por terem tido a paciência de ficar noites sem carinho da mãe e esposa nos momentos que mais precisavam, por esta estar a estudar.

Dedico também aos meus pais Anabela e Constantino e aos meus irmãos Quininha, Nina, Tino, Babela e Zazana por me terem ajudado e dado força durante toda a minha formação.

## AGRADECIMENTOS

O meu muito obrigado vai para o Prof. Doutor Henrique Nhaombe, que disponibilizou o seu tempo e ajudou-me de forma incansável para a realização deste trabalho.

Os meus agradecimentos vão endereçados, também, ao Conselho Municipal da Cidade Maputo, concretamente ao Departamento de Endereçamento por ter permitido e ajudado na recolha de dados; ao Distrito Municipal nº 1 por ter permitido e facilitado o contacto com o régulo da Cidade de Maputo, o Sr M'pfumu, através da sua filha Cristina M'pfumu.

O meu agradecimento especial vai para as minhas colegas Nelsa, Josina e Tomásia que muito esforço, amizade e dedicação depositaram sobre mim ajudando-me em tudo quanto precisasse durante os 5 anos de formação universitária. Muito obrigada.

Não posso me esquecer de todos os meus professores que contribuíram com o seu conhecimento e inteligência para a minha formação superior.

A minha família que muito fez e ajudou, pela força e apoio que me deu durante a preparação da minha dissertação e formação, em geral. Ao meu sogro que falando com tanta sabedoria sobre os bairros da Cidade de Maputo e Matola despertou o meu interesse sobre a questão.

Gostaria de agradecer a todos que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para a realização deste trabalho.

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### 1.0 INTRODUÇÃO

Nos tempos remotos a organização dos povos era diferente da que se verifica nos dias de hoje. Temos como exemplo o povo tsonga que vivia socialmente organizado em tribos divididos em pequenos clãs. Estas sociedades obedeciam a certas regras que regiam tais comunidades. Estas comunidades eram formadas por um conjunto de pessoas pertencentes a mesma família ou que, pelo menos, tivessem um antepassado ou um grau de parentesco comum.

Nos dias de hoje, essa organização já não se verifica, principalmente nos grandes centros urbanos, como é o caso da Cidade de Maputo. Talvez pelo contacto com os costumes ocidentais ou pela lógica da própria evolução. Mas, mesmo assim, podemos ver os rastos deste tipo de organização através de alguns nomes que continuam patentes na designação dos bairros que pertencem a um certo grupo da mesma linhagem, tendo se estabelecido o nome deste para o nome da zona/localidade. Temos, como exemplo, a terra dos Tembes, designada Ka Tembe, que até hoje, apesar da transformação para o português ainda se chama *Catembe*.

Com a invasão dos portugueses as coisas mudaram e, mesmo a cultura do povo sofreu algumas transformações, na organização social. Neste período, os nomes já não são atribuídos pelos nativos, mas sim por estrangeiros que se apossaram da terra.

Com o passar do tempo, a cidade, bem como a periferia, começou a crescer e foram surgindo novos bairros, uns de cimento e outros de caniço, como consequência da guerra civil que devastou o país durante 16 anos, o que provocou a movimentação de grandes massas populacionais do campo para a cidade. Com o fim da guerra, as



peças não quiseram regressar as suas zonas de origem provocando assim grandes aglomerados populacionais e a expansão da cidade.

Nesta perspectiva, surgiu uma questão que despertou o meu interesse em fazer um estudo mais aprofundado sobre “os critérios usados para a atribuição de nomes aos bairros.”

### 1.1 HIPÓTESES E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Nas grandes cidades há uma tendência de se atribuir nomes de individualidades (no geral) ou nomes ocidentais e, na periferia bairros tem nomes nativos ou pelo menos em língua nativa. Para comprovar este fenómeno falarei do caso dos nomes dos bairros da Cidade de Maputo, fazendo no princípio um estudo comparativo sobre as estratégias usadas no núcleo da cidade e na periferia para a atribuição dos nomes nos bairros e mais tarde vou fazer um estudo mais aprofundado sobre a estrutura dos nomes dos bairros em língua nativa.

Como irei fazer uma análise comparativa, embora superficialmente, tomarei como meu “*testum comparation*” o critério para a adopção do nome cujo as variantes são: “nas grandes cidades e na periferia”. Em outras palavras “o critério para a adopção do nome para sua localidades usando línguas ocidentais e línguas locais (tsonga).

Os nomes em línguas locais são na sua maioria nomes de antigos régulos que sofreram transformações e foram se assimilando ao português. Destes nomes, podem se distinguir os que são nomes próprios de pessoas e os que são derivados de nomes comuns por sufixação (adição do sufixo locativo -ini).

## 1.2 OBJECTIVO

O objectivo desta investigação é entender a tendência da miscelânea de nomes na mesma cidade, isto é, uns ocidentais (em línguas ocidentais) e outros em línguas locais e, acima de tudo, dar um contributo na área da onomástica concretamente na toponímia da Cidade de Maputo.

## 1.3 MOTIVAÇÃO

Vários são os factores que influenciam na nomeação de locais. O nome de um local tem características específicas que, aparentemente, não tem nenhuma relação com o próprio local. Mas, com estudos mais aprofundados descobre-se, muitas vezes, que existe uma relação directa ou indirecta.

Apesar de ser uma área muito fascinante poucos estudos têm sido feitos a este respeito. E, se formos a notar, o estudo dos nomes dos lugares tem uma etnologia desconhecida e pouco clara o que motiva cada vez mais o estudo dos nomes dos lugares.

## 1.4 IMPORTÂNCIA

Pode contribuir para o desenvolvimento de estudos da toponímia da Cidade de Maputo facilitando a comunicação internacional via postal, telex, cartas, etc. Pode, também, ser um contributo para história na medida em que se um dia estes nomes mudarem (como aconteceu no período colonial e depois da independência nacional) fica algo escrito sobre a história destes nomes para o conhecimento das gerações vindouras.

## 1.5 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Há muitos anos atrás, antes da colonização, a Cidade de Maputo era habitada pelos "M'Pfumu". Estes residiam naquele que hoje é o centro da cidade. Com a chegada dos portugueses estes foram se afastando para as zonas mais periféricas e os portugueses foram ocupando aqueles espaços. Com o passar do tempo os nativos da terra iam sendo cada vez mais afastados para dar lugar aos invasores e estes iam ocupando espaços mais distantes, afastando-os cada vez mais. Estes nativos, os M'pfumu, tiveram que se distribuir e formar pequenos grupos, não só pela necessidade de se organizarem para melhor se defenderem e enfrentar o invasor mas, também pela redistribuição e melhor organização do espaço. Nesta redistribuição e reorganização cada grupo tinha um régulo (chefe responsável pelo grupo) e, por conseguinte a tendência era atribuir o nome do régulo a região de sua jurisdição. Assim foram surgindo os novos bairros da Cidade de Maputo.

Depois da independência eclodiu a guerra civil que, mais uma vez, provocou o movimento de grandes massas do campo para cidade e com o fim da mesma não se verificou o movimento contrário como era de se esperar o que teve como consequência o crescimento da cidade.

### 1.5.1 PERFIL LINGUÍSTICO DA CIDADE DE MAPUTO

O presente capítulo visa fazer uma abordagem acerca do perfil linguístico da Cidade de Maputo para melhor enquadramento no tema em estudo. Os dados obtidos do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997 (IIRGPH). As tabelas, bem como os dados estatísticos que apresento foram retirados do manual da Situação Linguística de Moçambique publicada pelo INE (Instituto Nacional de Estatística).

Maputo é a capital e a maior cidade de Moçambique que está situada na costa sul oriental de África sob uma superfície de 799.380 km<sup>2</sup>, limitada a norte pela República Unida da Tanzânia, a este por Malawi, Zâmbia e Zimbábue, a sul pela República Sul Africana e Swazilândia e, a este é banhada pelo Oceano Índico. A Cidade de Maputo localiza-se no sul do país, na margem ocidental da Baía de Maputo. É limitada, a norte pelo distrito de Marracuene, a nordeste e este pelo município da Matola, a oeste pelo distrito de Boane e a sul pelo distrito de Matutuine. Compreende uma área de 300 km<sup>2</sup> e tem cerca de 966.837 habitantes (censo de 1997). Foi fundada no século XVIII com a designação de Lourenço Marques e passou a ter a designação actual depois da independência em 1975.

Para além destas designações, esta cidade era também conhecida por Xilunguine (terra dos brancos), ka Mpfumu (do clã dos M'pfumu, o reino mais importante desta região) e internacionalmente por Delagoa e Delagoa Bay até mais ou menos o século XX.

Moçambique é o país africano que, segundo Kathupa (1985), pertence ao grupo dos países da África Austral cujo no território não existem outras línguas africanas que não sejam da sub-família Bantu. Contudo, neste país coexistem outras línguas estrangeiras trazidas por turistas, seitas religiosas, ONGs e por influência dos países vizinhos, o que faz deste um país com uma grande diversidade linguística. No grupo das línguas estrangeiras podemos encontrar para além do português, que é a língua oficial, línguas asiáticas e outras línguas europeias.

Usamos termo Bantu para referir as línguas originárias de Moçambique. Lopes (1997) discute a questão das terminologias e a confusão que o uso de termos como línguas locais (que não pode ser qualificado como meio de comunicação social), moçambicanas (conota que as línguas não originárias de Moçambique não são

moçambicanas criando um constrangimento ao português que já se está a naturalizar de tal forma que tem se usado o termo português de Moçambique), nacionais (que englobaria as línguas originárias e o português que foi adoptada como língua oficial para poder manter a unidade nacional, isto é, por questões nacionais) e materna (que se refere a origem e identificação do utente, sendo assim, há falantes que se identificam com o português) podem causar, isto é, estas línguas não separam as línguas originariamente moçambicanas do português, que o termo línguas Bantu faz.. Guthrie (1967 e 1971) distribui as línguas Bantu faladas em Moçambique em quatro zonas e oito grupos menores, das quais classificou o tsonga com pertencente a zona S pertencendo ao grupo S50 ( xangana, rhonga e tswa).

A maior parte da população tem como língua primeira uma língua Bantu e o português como língua segunda.

A língua portuguesa é usada a nível institucional, como meio de instrução, no seio de assuntos governamentais e contacto com o mundo. Embora não seja língua nativa deste país, já tem falantes nativos. Tirando os contextos acima mencionados o português e o changana são usadas no mesmo contexto. Verifica-se o uso exclusivo das línguas Bantu nas cerimónias tradicionais e em contextos em que os falantes não sabem falar a língua portuguesa. De salientar que o português foi consagrada oficial depois da independência nacional em 1975.

Firmino, recuperando dos Mochangos (1987) concorda que a descrição da cidade de Maputo pressupõe três zonas, nomeadamente: o núcleo da cidade, o subúrbio e a periferia urbana com as primeiras duas constituindo a cidade propriamente dita.

Podemos encontrar na Cidade de Maputo três línguas dominantes que são o Changana, Rhonga e Português que foram indicadas como línguas maternas pela maior parte da população residente nesta cidade (cerca de 80%). Outras línguas que

foram apontadas como maternas foram o Xitva (5%), Cicopi (5%), Gitonga (4%) e línguas europeias (1%)

#### Quadro 1

LINGUAS	PERCENTAGENS
CHANGANA	33
RHONGA	20
PORTUGUES	37

Senso Populacional de 1997, o changana tem cerca de 1.423.327 falantes e o rhonga cerca de 205.064 falantes.

#### 1.5.2 LÍNGUA TSONGA

O tsonga que, segundo a classificação de Guthrie (1967,71) pertence ao grupo S.50 é, segundo Siteo (2001), falada por mais de 3 milhões de pessoas maioritariamente moçambicanas. A terminologia tsonga é usada pelos estudiosos para designar todas as línguas do grupo mas, os moçambicanos referem-se a esta como sendo uma das suas línguas maternas, o xi(changana). Estes designam a todo conjunto de línguas deste grupo de tsonga e o NELIMO adoptou, também, esta terminologia. De salientar que a escrita em tsonga começou a mais ou menos um século tendo ainda pouca literatura.

## CAPÍTULO II: REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

### 2.0 INTRODUÇÃO

Neste ponto falaremos do conceito de nome e suas especificidades no Tsonga e, conseqüentemente, a questão das classes nominais. E, como não poderia deixar de ser, falarei da onomástica que está directamente relacionada com o nome.

De seguida, apresentamos os aspectos relacionados com a derivação e seus tipos. Julgo importante tratar deste aspecto porque alguns nomes dos bairros da Cidade de Maputo são nomes derivados. Mais adiante apresentaremos a constituição e discrição dos constituintes desses nomes..

### 2.1 O NOME

Segundo Crystal (1987) nome é uma palavra ou frase que identifica uma pessoa lugar ou coisa específica. Todavia, a imprecisão associada as noções de *nome* e *coisa* levaram a descrição linguística a analisar esta classe de palavras com base em critérios formais e funcionais. Assim, segundo Xavier & Mateus (1992), em termos linguísticos, nomes são unidades que exibem determinados tipos de flexão, que tem uma distribuição específica e uma divisão sintáctica. As autoras referem que em português o nome pode ser caracterizado formalmente por um género e varia em número. A gramática tradicional define como nomes apenas os substantivos bem como o conjunto de substantivos e dos adjectivos. Ainda no mesmo contexto as autoras avançam que no campo dos predicativos, por vezes, se utiliza a palavra nome por termo. Estes incluem as variáveis e as constantes individuais que dizem respeito a entidades do domínio do discurso (isto na semântica).

No Tsonga, assim como em todas línguas, o conceito de nome não difere embora tenham as suas especificidades: quanto a natureza, os substantivos são palavras com que se chamam, não só, pessoas, coisas, animais, mas também as acções, qualidades e estados. Quanto ao aspecto podemos dividi-los em substantivos próprios (os antropónimos e topónimos) e comuns (colectivos se só designam uma pessoa ou coisa, colectivos se designam um agrupamento de coisas ou reunião de coisas da mesma espécie, abstractos se designam qualidades, acções ou estados. de acordo com Ribeiro (1965), em changana, as variações nominais propriamente ditas são apenas o número (por prefixação) e o diminutivo e locativo (por sufixação). Este último será o mais tratado ao longo deste trabalho.

Geralmente os nomes traduzem o carácter do local que nomeiam. Os nomes que se dão aos locais provem da informação sobre a história social, crenças e valores que representam ou que viveram. Por exemplo existem muitos aspectos sobre o desenvolvimento de um país que descobridores linguísticos reconhecem pelo nome desses lugares. Muitas vezes o nome de um lugar é recordação de um evento histórico, de uma pessoa que existiu e teve muita importância para esse local ou, como acontece nas regiões africanas, o nome do chefe de um cla ou antepassado comum.

De acordo com Crystal (1987), o estudo do nome dos lugares inclui os pequenos lugares, ruas, avenidas casas, bem como os principais traços geográficos do mundo como os mares, montanhas, cidades, bairros, etc. Mas a maior parte dos estudos centram-se nos últimos. Este estudioso afirma, ainda, que os nomes dos lugares têm sido, às vezes, ideocinráticos, mas a vasta maioria pode ser explicada em pequenos conjuntos de processos criativos tais como os vários tipos de derivação. Os nomes da cidade de Maputo não fogem muito desta situação.



## 2.2 CLASSES NOMINAIS

Falar de classes nominais em bantu é entrar para o ramo da morfologia que, por sinal vai ser uma das bases deste trabalho. Portanto, como ponto de partida começarei por falar do conceito de morfologia e depois entrarei no cerne desta secção.

A morfologia é definida como sendo a área que estuda os morfemas e as regras de combinação destes para a formação de palavras. O morfema vai ser a menor unidade portadora de sentido na palavra. Alguns morfemas são afixados a outros que constituem o núcleo das palavras. Os morfemas que se associam aos núcleos são chamados de dependentes (não podem ocorrer se não estiverem ligados a outro/s) e, os morfemas aos quais os dependentes são associado são chamados de morfemas independentes (estes podem ocorrer sem estarem associados a outros detendo a maior unidade de sentido).

Bleek foi o primeiro a introduzir o sistema de método de classificação dos nomes nas línguas Bantu a partir dos seus prefixos de concordância e atribuiu um número a cada classe. A numeração é considerada um meio de classificar os diferentes prefixos que entram na concordância gramatical das línguas Bantu. Este identificou 18 classes nominais a partir e reconstituiu os prefixos nominais a partir de várias línguas do sul de Africa.

As classes nominais são definidas por Ngunga (2002), num dos seus apontamentos, como Sendo o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância.

Guthrie (1967) define como sendo uma classe nominal

*"according to the morphosyntactic plan as a will defined scheme of agreement prefix concord of a noun one or more types characteristic prefixes of*

*dependent nouns and a prefix used in the verbal, all the series of concord prefixes being morphosyntactic similar.*

Desenvolvendo um estudo sobre a matéria Guthrie (1967-71) afirma que “os segmentos nominais são classificados de acordo com seu comportamento dentro de um sistema de concordância gramatical que é característico só das línguas Bantu. Podemo-nos referir a estas partes da frase que operam o sistema como elementos concordantes e existirão dois tipos destes elementos. Existe o elemento independente que é a parte do segmento que controla a concordância e o elemento dependente que é a parte do segmento que concorda com o outro.” Poderia dizer de uma forma mais resumida que o elemento dependente ou prefixo independente é o prefixo nominal (classe nominal e o prefixo dependente o radical que contem o significado da palavra. As línguas Bantu são caracteristicamente línguas aglutinantes em que as palavras são, geralmente, formadas por afixação de afixos presos a um radical que constitui o núcleo da palavra. Nestas línguas o nome é um dos elementos linguísticos que mostra este carácter aglutinante no processo de formação de palavras neste grupo de línguas. Neste caso distinguem-se o tema nominal que é constituído pelo radical e pelo sufixo nominal e, o prefixo que pode apresentar-se de várias formas inclusive a forma zero. O sistema de prefixos (classes nominais) é um dos traços que tem sido sugerido como comum em todas as línguas Bantu. Ngunga (2002) afirma que nas línguas Bantu o sistema de classes por prefixos é mais elaborado e sistemático noutras. Uma classe nominal é constituída por nomes com prefixos similares e que fazem parte de uma série de elementos de concordância que operam num padrão distinto de concordância.

Retomando a classificação das classes nominais em número, cada género é caracterizado de acordo com a categoria semântica dos nomes que possui. Assim, as classes:

- 1/2— principalmente nomes de seres humanos e/ou seres personificados
- 3/4— predominantemente nomes de plantas
- 5/6— nomes de frutos, animais e outros
- 7/8— nomes de coisas em geral e outros
- 9/10— nome de seres do reino animal e frutos
- 11/10— coisas de seres longos e outros
- 14 - substâncias
- 15 - verbos no infinitiva
- 17 e 18 - são locativos

Segundo Ngunga (2003) a lista das classes nominais apresentada por Bleek (1869) foi ampliada e melhorada por Meinhof (1899,1906) e este inclui a classe 20 e 21. De acordo com o mesmo autor, Meinhof (1910) apresenta uma síntese do trabalho de Bleek (1869) na classificação dos nomes nas línguas bantu do seguinte modo:

**Quadro 2**

Classe	Prefixo	Designação
1	Mu-	Singular de 2
2	Va-	Plural de 1
3	Mu-	Singular de 4
4	mi-	Plural de 3
5	li-	Singular de 6
6	Ma-	Singular de 5,14 e substâncias e coisas incontáveis
7	Ki-	Singular de 8
8	vi-	Plural de 7
9	Ni-	Singular de 10
10	li-ni-	Plural de 9 e 11
11	Lu-	Singular de 10 e 12
12	Tu-	Plural de 13,19 e 11
13	Ka-	Singular de 12 e 14
14	Vu-	Singular de abstractos, massa e coisas incontáveis e de 4,6 e 13
15	Ku-	Infinitivo
16	Pa-	Locative

17	Ku-	Locative
18	Mu-	Locative
19	Pi-	
20	Gu-	Singular de 23
21	Gi-	Plural de 22

Desta lista Guthrie introduziu algumas alterações e apresentou a seguinte classificação:

### Quadro 3

Classe	Prefixo
1	Mu-
2	Ba-
3	Mu-
4	mi-
5	i-
6	Ma-
7	Ki-
8	Bi-
9	N-
10	N-
11	Lu-
12	Tu-
13	Ka
14	Bu-
15	Ku-
16	Pa-
17	Ku-
18	Mu-
19	Pi-

Cada substantivo distingue-se por dois prefixos específicos: um característico e designativo do singular e outro característico e designativo do plural.

De salientar que esta classificação é geral e as variações podem existir em cada língua e suas variantes pois as línguas sofrem transformações e evoluções ao longo do tempo e estas variações devem ser explicadas.

Existem diferentes explicações ou tentativas de explicação da combinação das classes nominais a nomes. Ngunga (1987) pauta pelo critério semântico como estando por detrás destas que, apesar das lacunas que este critério apresenta, tem sido considerável

pelo facto de em muitas línguas Bantu persistir a ocorrência de nomes semanticamente pertencentes ao mesmo grupo.

Guthrie (1967), por outro lado, aponta para factores fonéticos como sendo responsáveis por estas. Porém, este critério apresenta algumas lacunas como no caso de nomes que apresentam o prefixo zero.

No tsonga apresentam-se as seguintes classes nominais:

#### Quadro 4

Classe	prefixo
1	Mu-
2	Va-
3	Mu-
4	mi-
5	li-/ri-/dri[killer1]-
6	Ma-
7	xi-
8	Svi-
9	N-
10	N-
11	Li-
14	(v)u-/wu[killer2]
15	Ku-
16	Ha-
17	Ku-
18	Mu-
21	Ji-

No Tsonga as relações de lugar são indicadas por meio de uma flexão especial chamada de locativo. Estes pertencem as classes 16, 17 e 18. mas em alguns casos, pode dizer-se que o locativo não é mais do que um advérbio de lugar formado dos substantivos. Este assunto será discutido mais profundamente na análise de dados.

Falando de classes nominais aproveito para falar de um tema que vai ser fundamental para entender a parte ligada a análise dos dados, os locativos.

### 2.3 LOCATIVIZAÇÃO

Os locativos fazem parte dos prefixos das classes nominais que ao se associarem aos substantivos se tornam indicativos de lugar/ tempo. No tsonga, bem como em quase todas as línguas Bantu as relações de lugares são indicadas através destes afixos que chamamos locativos. Segundo Ngunga (2003) podemos distinguir a locativização por prefixação e por sufixação. As línguas que locativizam por prefixação geralmente usam os prefixos pa-, ku-, mu-. Porém, algumas línguas sofreram alterações fonéticas do proto-bantu não tendo as mesma realizações. No tsonga, por exemplo os prefixos que são indicadores de locativos são o ka-, e- e a-. De acordo com o mesmo autor ao contrário do que acontece com outras línguas no tsonga os prefixos não se associam a qualquer substantivo para indicar o tempo ou lugar.

A locativização por sufixação é a mais frequente na língua tsonga. Podemos encontrar alguns tipos de sufixos, uns acupulados e outros não, em substantivos. Mas para este trabalho interessa-nos apenas falar dos que se ligam directamente nos substantivos, isto é, o sufixo [-ini]. Este sufixo tem variações de acordo com a característica da sílaba a qual se liga.

[ini]

/ini-/

[-eni]

## 2.4 ONÓMASTICA

Onomástica é a ciência que investiga a etimologia, as transformações, a classificação, dos nomes próprios de pessoas e de lugares. É também considerado a relação ou catálogo de nome próprios ou, ainda, a explicação de nomes próprios.

De acordo com os dados recolhidos da Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, a palavra onomástica provém do grego *onomaso* que significa *chamar* ou *que serve para chamar*. refere a tudo aquilo que é explicativo de nomes próprios de pessoas, isto é, a categoria morfológica do substantivo. Porque pode-se classificar o nome de acordo com o tipo foram criadas as seguintes designações das quais iremos destacar os topónimos (nomes próprios de locais em geral, patronímicos (nomes que exprimem filiação, bem como os que designam uma linhagem) e etnónimos (nomes de povos, de tribos, de castas, etc. ) que serão mais destacados e estão mais ligados ao assunto em discussão.

## 2.5 DERIVAÇÃO

Segundo Mateus (1989) a derivação é o acto de formar novas palavras a partir das já existentes pela adição de afixos. O termo derivação refere-se um conjunto de processos de formação de novas palavras a partir de um único radical

A morfologia derivacional estuda a formação das palavras a partir de outras já existentes (bases ou palavras primitivas).

Podemos reconhecer os seguintes tipos de derivação:

- ❖ Derivação própria (por prefixação e sufixação)
- ❖ Derivação imprópria ou conversão
- ❖ Derivação regressiva
- ❖ Derivação parassintática

## 2.5.1 DERIVAÇÃO PRÓPRIA

### 2.5.1.1 Por prefixação

De acordo com Mateus (1989) a prefixação é o processo de formação de palavras que consiste na associação de um afixo à esquerda da base que lhe modificar a significação sem, no entanto, lhe alterar a categoria gramatical.

### 2.5.1.2 Por sufixação

A sufixação é o processo que consiste na junção de um afixo à direita da base a qual é alterada em termos de significação e frequentemente sofre alterações categoriais. Estes podem ser diminutivos e locativos. Os locativos passam a ter categoria de nome no tema em estudo.

Os sufixos classificam-se em:

- a) Nominais- quando dão origem a um nome.
- b) Adjectivais- quando dão origem a um adjectivo.
- c) Verbais –que dão origem a um verbo.
- d) Adverbiais – que dão origem a um advérbio.

Frequentemente, os sufixos nominais e adjectivais são simplesmente denominados de nominais.

## 2.5.2 DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

A derivação imprópria é também chamada de conversão, derivação zero ou hipóstase. De acordo com Cunha & Cintra (1984) esta designa o processo pelo qual se obtêm uma palavra à partir de outra já existente, sem se verificar a adunção de um afixo e, por conseguinte, sem que ocorra alteração a nível formal. No entanto, a categoria gramatical é alterada. Exemplo: ferido (particípio passado do verbo ferir) deu origem



a um adjectivo ferido (coração ferido) e a um nome ( o ferido foi operado). Alguns linguistas não aderem a ideia deste tipo de derivação fazer parte da formação de palavras concordando que esta pertence a área da semântica e não da morfologia. Fazendo, assim, ligação com a definição de Pinto et al (1994:194) “o processo que consiste na mudança da classe de uma palavra, tal facto representa por conseguinte uma alteração semântica.”

### 2.5.3 DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Derivação regressiva, também conhecida por regressão, é o processo de derivação em que, a partir de uma palavra primitiva, se cria uma nova palavra mais reduzida e de categoria gramatical diferente, isto é, perde elementos da sua forma original. Este tipo de derivação é observável, sobretudo, na formação de substantivos originados de verbos. As formas nominais que lembram acções são formadas por este tipo de derivação. (op. Cit.)

### 2.5.4 DERIVACÃO PARASSINTÁTICA

Dados retirados da Gramática Fácil de Língua Portuguesa indicam que se dá o nome de derivação parassintática ao processo de formação da palavra em que se faz a junção simultânea de um prefixo e um sufixo a um determinado radical.

## **Capítulo III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

### **3.1 METODOLOGIA**

#### **3.1.1 Natureza da investigação**

A pesquisa bibliográfica permitiu que se constituísse a primeira parte do trabalho. Para a recolha dos dados baseamo-nos na recolha de dados escritos obtidos no Conselho Municipal da Cidade de Maputo. Os nomes e a localização dos bairros foram encontrados e confirmados no guia de endereçamento da Cidade.

Optou-se pela entrevista aberta para a obtenção do historial dos nomes e dos bairros e a possível origem dos mesmos nomes.

#### **3.1.2 Selecção do corpus**

As entrevistas foram feitas aos residentes mais velhos e antigos dos bairros desta cidade de modo a conseguir-se obter o historial dos nomes e dos locais em investigação. Dos vários entrevistados demos primazia e mais crédito ao depoimento fornecido pelo régulo M'pfumu, régulo da Cidade de Maputo. Estes serviram de modelo para comparação com as outras informações obtidas.

#### **3.1.3 Constrangimentos**

Atravessamos dificuldades de vária ordem durante o período das pesquisas para a obtenção de informação. Debatemo-nos com a falta de material escrito a cerca do assunto em causa o que dificultou de certa forma a elaboração do trabalho. Tivemos dificuldades em encontrar informantes que tomassem o trabalho a sério e muitas vezes negavam e arranjavam desculpas para não poder dar os seus depoimentos com a

excepção do régulo M'pfumu que foi contactado para me conceder a entrevista pelo secretário do Distrito Urbano nº 1 através da sua filha Cristina M'pfumu que nos foi muito prestativa.

Enfrentamos dificuldades de distinguir as línguas changana e rhonga pois, alguns informantes diziam tratar-se de uma e outros de outra língua. Assim pela dificuldade de distinguir as línguas optamos por usar o termo Tsonga para nos referirmos a língua local usada para nomear alguns bairros.

## **CAPÍTULO IV: ANÁLISE DE DADOS**

### **4.0 Introdução**

De acordo com as hipóteses apresentadas pretendemos neste capítulo tentar provar que a tendência de atribuição de nomes aos bairros depende da zona da cidade em que se encontra. Há uma tendência em atribuir nomes em línguas ocidentais no centro/núcleo da cidade e nas zonas periféricas a tendência é de atribuição de nomes em línguas locais (tsonga).

A seguir faremos um estudo mais aprofundado sobre a formação dos nomes dos bairros em línguas locais e para tal, iremos abordar a questão da locativização que diz respeito a formação de nome de lugares, neste contexto.

### **4.1 A ATRIBUIÇÃO DE NOMES AOS BAIRROS NA CIDADE DE MAPUTO**

Para melhor entendermos a questão da distribuição dos nomes em zonas apresentamos a actual distribuição administrativa e os respectivos bairros. Temos o Distrito Urbano nº 1 que corresponde a região central da Cidade na qual podemos localizar os seguintes bairros: Alto Maé, Bairro Central, COOP, Malhangalene, polana e Somershied. É nesta região da cidade onde a maior parte de população trabalha e, é onde se encontram a maioria das instituições públicas como escolas, bancos, lojas, teatro, cinemas, etc. Este é o maior centro de atracção das pessoas de todo nível, estrato social e idade (principalmente jovens) e, conseqüentemente, a região mais movimentada da cidade. De salientar que nesta área da cidade o português é a língua

de comunicação mais usada tanto nos contextos formais bem como nos informais. Assim, o português é língua simbólica do núcleo da cidade. Talvez seja uma das razões que justifique o facto de se verificar nomes em línguas ocidentais que tem mais prestígios que as línguas locais (cf. Firmino 2002: 123-148). E, se formos a verificar, por causa do prestígio que as línguas ocidentais têm a camada mais jovem tem a tendência de fazer transferências e acupulações destes nomes nos nomes dos bairros periféricos.

Ex: xipamashield → xiphama + shield.

Xiphama – provem do nome do bairro Xipamanine sem o sufixo locativo [ini-].

Shield – terminacao do nome do bairro Somersshield que é um dos bairros mais luxuosos da Cidade de Maputo.

A seguir encontramos o distrito urbano nº 2 constituído pelos bairros de Aeroporto, Chamanculo, Malanga, Minkadjuine, Munhuana e Xipamanine, o distrito urbano nº 3 com os bairros Mafalala, Urbanização, Maxaquene e Polana Caniço, o nº 4 pelos bairros Hulene, Mavalane, Ferroviário, FPLM, Mohotas, Laulane e 3 de Fevereiro, o nº 5 pelos bairros Luís Cabral, Jardim, Inhagoi, George Dimitrov, Bagamoio, 25 de Junho, Magoanine, Malhazine e Zimpeto e os distritos Municipais de Catembe e Inhaca constituídos pelos seguintes bairros Chali, Guachene, Chamissava, Ingude, Incassana e, Ridzene, Ingane e Nhaquene, respectivamente. Estes dois últimos distritos são o exemplo claro hipótese da tendência de atribuição de nomes em línguas locais nas zonas periféricas. E quanto mais afastados do núcleo da cidade mais se verifica este fenómeno. Porém, não os abordaremos com profundidade neste trabalho para não tornar a investigação muito vasta.

De salientar que a zona intermédia e periférica é a zona mais populosa da Cidade de Maputo e o fluxo populacional é na sua maioria de pessoas provenientes de outras

regiões e pertencentes a várias etnias (cf. Firmino: 139-40). Nesta região o Tsonga é tido como a língua primeira e é amplamente usada em quase todos os domínios e o português por outro lado é tida como a língua dos mais prestigiados sendo usada muitas vezes pelos jovens que procuram uma certa distinção no grupo ou que queiram se exibir num determinado momento ou contexto. Por exemplo quando um jovem pretende impressionar uma moça a tendência é dirigir-se a ela em português (seja ele bem o mal falado).

Por esta zona ser amplamente constituída por falantes de línguas locais, do Tsonga, verifica-se, também, o nome dos bairros em línguas locais. Embora isto possa pesar ou ter pesado na atribuição dos nomes deste bairros temos que ter em conta o factor histórico que no meu ponto de vista contribuiu mais na atribuição destes nomes. Como vimos anteriormente, com a chegada dos portugueses os M'pfumu foram obrigados a afastarem-se da zona central da cidade para as regiões periféricas e com o tempo, os portugueses vendo que a região estava mais limpa voltaram a afastar os nativos para as regiões mais recônditas ocupando novos espaços. Cada vez que estes iam se afastando da cidade formavam novos grupos organizacionais de modo a fazerem face a nova realidade que lhes estava imposta. Cada grupo formado tinha um responsável, o régulo e havia uma tendência natural de se dar o nome do régulo a sua região de jurisdição. Assim foram ficando os nomes dos bairros que até hoje assim são conhecidos. Claro que com o tempo alguns sofreram algumas transformações mas alguns se mantiveram tal como foram atribuídos. Alguns dos nomes dos bairros estão como nomes próprios de pessoas mas outros sofreram derivação de modo que se tornaram locativos. Gostaria de abrir um parêntese para falar de algo que achei muito interessante durante a investigação.

É de notar que o Município de Maputo, nas suas novas políticas estão a fazer novas nomeações das ruas e bairros criando assim novas divisões administrativas. No entanto, nem todos nomes ora atribuídos estão sendo aceites pelos populares e residentes dos mesmos persistindo, assim, o uso dos nomes antigos. Temos como exemplos do bairro de Benfica que tem como actual nome George Dimitrov mas que a maior parte da população continua a tratar por Benfica ignorando o nome actual. O outro caso é do bairro Ferroviário que passou para 3 de Fevereiro mas as pessoas continuam a chama-lo pelo nome antigo. Os nomes actuais são usados apenas quando se trata de assuntos administrativos que obriguem o uso de endereçamento certo. Esta resistência demonstra, no meu ponto de vista, que as pessoas se identificam mais com estes nomes do que com os que lhes impõem. Segundo os dados recolhidos no Conselho Municipal a tendência dos novos endereçamentos é eliminar os nomes que estão ligados com o colonialismo e colocar os que se identificam mais com o que é nosso. Permitam-me que não concorde em pleno com esta atitude primeiro porque de uma ou de outra forma isto faz parte da nossa história e não temos como apagar e, depois porque sendo algo directamente ligada ao povo acho que deviam fazer uma espécie de inquéritos para se ver qual é a sensibilidade dos residentes em relação a mudança e atribuição de novos nomes aos bairros.

#### **4.2 ORIGEM E DESCRIÇÃO DOS NOMES**

Neste ponto debruçamos com mais profundidade a cerca dos nomes em línguas locais que tenham surgido da derivação ou tenham sofrido alguma transformação até chegarem ao nome actual. Porém, para melhor distinção alistamos todos os nomes e falaremos, muito superficialmente da sua origem. De salientar que obtivemos várias

informações, algumas das quais contraditórias em relação a proveniência destes nomes. Mas tomaremos o cuidado de apresentar as explicações mais convincentes.

#### 4.2.1 NOMES DE BAIRROS EM LÍNGUA EUROPEIA

##### **BAIRRO CENTRAL**

É assim tratada por se encontrar na região central da cidade.

##### **POLANA**

O nome Polana provém do nome do régulo daquela região que, por sinal fazia parte dos M'pfumu e, chamava-se Polana. Hoje podemos encontrar uma divisão de Polana Cimento e Caniço. Esta distinção, que hoje já não faz sentido, devia-se ao tipo de material de construção usada, casas de alvenaria e de caniço, respectivamente.

##### **AEROPORTO**

Este bairro foi fundado pela polícia colonial.

##### **JARDIM**

Diz-se que o bairro acabou adoptando o nome do homem que detinha a maior parte das terras daquele bairro, Jorge Jardim. No entanto há uma outra versão em volta deste nome que defende que este nome foi adoptado por se encontrar nesta zona o único jardim zoológico da cidade. Assim, por aproximação atribuiu-se o nome jardim ao bairro onde se encontra situado o zoológico.

##### **TRIUNFO**

Nesta zona foi fundada uma cooperativa por um grupo de pessoas que se chamava triunfo e com o tempo a zona passou a ter o mesmo nome. Esta zona encontra-se dentro o bairro Costa do Sol que tem este nome por estar próximo a praia da Costa do Sol.



## **FERROVIÁRIO**

Foi atribuído este nome por estar próximo ou nas redondezas dos CFM ( Caminhos de Ferro de Moçambique).

## **COOP**

Provem do nome de uma cooperativa de construção de imóveis. Esta cooperativa é proprietária da maior parte dos imóveis localizados na zona. Pressuponho que devido a popularidade do nome da cooperativa tenha acabado por prevalecer o nome da cooperativa para o bairro porem pode ter este nome pelo facto de as casas localizadas naquela região pertencerem a cooperativa imobiliária COOP

## **SOMERSHIELD**

Este era o nome de um médico suíço que era dono de todas aquelas terras e o bairro acabou ficando com este nome.

Nestes bairros não incluímos o bairro do Alto Maé porque, embora não pareça, este nome tem origem na língua tsonga e com a assimilação para o português passou a Alto-Maé.

Ka Mwa Yeye → Alto Maé → Tumayela

## **4.2.2 NOMES DE BAIROS EM LÍNGUA LOCAL**

### **4.2.2.1 Nomes que não sofreram transformações aparentes**

- a) **BAGAMOIO** – antigamente o bairro chamava-se Bom fim (nome português).  
O nome Bagamoio pertencia ao régulo responsável por aquela região que por sinal era um dos filhos dos M'pfumu.. Era, também, tratada pelos mais velhos como Ka mubukwana.

De referir que, o KA- é um prefixo que indica o lugar, isto é, é o elemento na palavra que indica o lugar. Como vimos no princípio deste trabalho as línguas bantu são regidas por classes nominais que vão determinar a concordância em todos os enunciados. Neste caso, o ka- pertence a classe dos locativos.

- b) **CHAMANKULO** – para esta região surgiram 3 versões explicando a origem deste nome: uma das versões refere que se tratava de um lago onde só os mais velhos/importantes podiam se banhar daí o nome hlamba-nkulo. Hlamba que significa banho/tomar banho e nkulo que significa grande/mais velho. A outra versão é a que ocorre com a maior parte dos nomes: o régulo daquela região chamava-se Hlamankulu e a região era chamada, conseqüentemente, de Ka Hlamankulu (ka- prefixo de locativização e Hlamankulu nome do régulo) mas, com o “aportuguesamento” da mesma, passou a chamar-se Chamanculo. A terceira versão esta ligada com o próprio significado da palavra. Segundo os entrevistados a palavra que deu origem a este nome é hlamakhulo que quer dizer admiração muito grande e esta admiração era pelo facto de a maior parte dos residentes desta zona serem os mais inteligentes, mais ricos, mais sortudos, etc.

Neste caso específico, se considerarmos a primeira explicação sobre a origem deste nome, estamos diante de um processo de formação de palavra diferente da dos outros nomes de bairros da Cidade de Maputo, a composição. Esta palavra composta é constituída por duas palavras com categorias sintácticas diferentes: um verbo e um adjectivo.

[Hlamba] – tomar banho

[nkulu] - grande

c) **CHOPAL** - actual 25 de Junho. Esta região era chamada de Ka Mwa Khele. Quando os portugueses chegaram esta região já era habitada e chefiada pela rainha *Mwa Khele*.

d) **HULENE** - o bairro toma este nome porque era rodeado de uma mata muito densa. E nem sequer se designava hulene mas sim *ouleni*.

e) **INHAGOI** - Ka Nyagoyi - nesta região os M'pfumu deram esta parte da terra aos (ma)chopes para fazerem as suas machambas e lá viver. No entanto, o régulo desta região chamava-se *Nyagoyi*.

f) **LAULANE** - nome do régulo daquela região que passou, como noutros casos, a chamar-se *Laulane* a região da sua jurisdição.

g) **MALANGA**- Ka Mwa Langa - esta região foi, também, oferecidos ao (ma) chopes para que pudessem se organizar e viver. *Langa* era o nome do régulo daquela região. De Mwa Langa transformou-se ao longo do tempo em Malanga tendo ocorrido a elisão da semi-vogal bilabial [w].

Nos casos específicos das alíneas c), e) e g) temos o prefixo ka- associado aos nomes aos quais os bairros eram chamados antes de terem a forma actual. No entanto, em alguns casos temos, simplesmente, o prefixo locativo *ka-* associado ao nome e, noutros o prefixo *ka-* acompanhado do prefixo *mwa-*. A explicação para este fenómeno encontra-se na natureza do nome a que estes prefixos se associam. O *ka-* aparece directamente ligado ao nome se este for do género masculino. Se tratar-se de um nome do género feminino o *ka-* não ocorre isolado, deve vir acompanhado do prefixo marca do género feminino *Mwa-*.

Exemplo:

Temos o apelido Langa. Se tratasse de um rei ou régulo a região da sua jurisdição teria o seu nome e se designaria *ka Langa* e se se tratasse de uma rainha, como é o caso de um dos bairros da Cidade de Maputo, ficaria *ka mwa Langa*.

Ka- prefixo locativizador

Mwa- marca do feminino

Langa - nome

Neste caso podemos formar a seguinte regra de formação do nome locativo:

Ka-: RN<sub>[+masc]</sub> → locativo

O prefixo ka- (prefixo locativizador) selecciona uma base/radical com categoria sintáctica de nome do género masculino para formar um nome locativo.

Ka Mwa-: RN<sub>[+fem]</sub> → locativo

O prefixo ka- associado a marca do género feminino mwa- seleccionam uma base/radical com categoria sintética de nome no género feminino para formar um nome locativo.

Exemplos:

[Nyagoyi]<sub>nome</sub> → [ka [nyagoyi]<sub>locativo</sub>]

[Tembe]<sub>nome</sub> → [ka [Tembe]<sub>locativo</sub>]

[Langa]<sub>nome</sub> → [ka [mwa] Langa]<sub>locativo</sub>

[khele]<sub>nome</sub> → [ka [mwa] khele]<sub>locativo</sub>

- h) **MALHAZINE** - o régulo daquela região chamava-se Mahlazine passando, a região, a ter o nome do régulo. Porém, como tempo ao passar para a escrita adoptou a ortografia portuguesa mesmo mantendo os traços da oralidade do tsonga
- i) **MAFALALA** - segundo o que constatamos, esta palavra provem do Emakhuwa. Esta região era considerada a segunda cidade para os pretos depois de Chamanculo e era onde as pessoas vindas de Nampula ficavam e coordenavam principalmente por causa da língua.
- j) **MAVALANE** - esta região era antes chamada de *Missavene*. Era assim chamadaporque na estação havia um lugar que tinha sido preparado para pôr a mercadoria e esta estava cheia de areia. Temos Missava- que significa areia -ene é o sufixo que indica o local. Missavene significa “na areia”.
- k) **MAHOTAS** - nome que provem do nome do régulo que por sinal pertence aos que hoje se intitulam de Mabotes.
- l) **MUNHUANA** — antigo *Bairro Indígena*. Chamavam de bairro Indígena porque foi construído pelo governo português para os “pretos” que eles consideravam indígenas e mais tarde, como este conceito começou a perder sentido passou a chamar-se Bairro Popular. Diz-se também que este nome provém do nome do régulo desta região, Munyana e o bairro era *Ka Munyana*. Com o passar do tempo e assimilação para o português ficou Munhuana, isto é, alterou a escrita para o alfabeto português e houve acréscimo da vogal alta [u].

#### 4.2.2.2 Nome de bairros formados por derivação

Antes de entrar no fundo da questão lembrar que no Tsonga, como nos referimos anteriormente, as relações de lugar são indicadas a partir da flexão que é chamada de locativo. Este é associado ao substantivo que pode ser um nome próprio ou não

alterando assim a categoria semântica do radical primitivo. Dos dados recolhidos, que são os nomes dos bairros da Cidade de Maputo, pode-se notar que: na formação dos nomes temos um substantivo ao qual se juntou o sufixo -ini. De salientar que para além deste tipo de derivação encontramos patente, nestes nomes, o prefixo *ka-* que, de certa forma prevalece mas já tratada como normal da palavra como é o caso do nome do Distrito Municipal número 6: Catembe. O nome Catembe provem da junção do prefixo *ka-* e do nome próprio Tembe que era o régulo e os Tembes eram donos de todas as terras a que hoje pertencem a aquele distrito municipal. Com a influência do português e assimilação deste passou a designar-se Catembe ignorando-se o facto de existir um prefixo indicativo de lugar.

No caso específico dos nomes da Cidade de Maputo que provém de palavras derivadas podemos notar que se tratam de nomes que são derivados de outros nomes, isto é, substantivos derivados de outros substantivos e, estas palavras são distintas das que as deram origem. Ora vejamos:

#### XIPAMANINE

Na verdade este nome escreve-se e pronuncia-se *Xiphamanini*. Este nome provém da palavra (substantivo) *phama* que significa figueira. Este nome foi atribuído a este bairro por causa de uma figueira muito grande que se encontra neste bairro. E como aquela figueira tornou-se um ponto referencial, com o passar do tempo e pelo hábito acabou por se dar este nome aquela zona onde a árvore se encontrava bem como nas redondezas.

- i. Uta nikuma phameni!
- ii. Uta nikuma xiphamanini.

Como pode-se ver no exemplo acima ambos querem dizer a mesma coisa (encontrar-me-ás na figueira). No exemplo (i) temos a ligação do sufixo *-ini* ao substantivo *phama* e se formos a reparar a realização das últimas vogais é diferente da do exemplo (ii) isto porque no primeiro caso a vogal que influencia na realização final da palavra é a última vogal do radical que por se baixa e ter se ligado a vogal alta do início do sufixo, fundiram-se e deram origem a vogal média [e]. No segundo caso a vogal que influenciou a realização final da palavra foi a vogal do prefixo nominal *xi—* e como as duas são altas esta continua a realizar-se alta

Baixa + alta = média

Alta + alta = alta

#### **MINKADJUINE**

Este nome foi atribuído a este bairro por este ter em sua paisagem muitos cajueiros.

Provem da palavra *nkadju* a qual foi acupulado o prefixo *mi-* do plural.

*Nkadju-* cajú/cajueiro    *mi* + *nkadju* = *minkadju*

*Minkadju-* cojús /cajueiros    *minkadju* + *ini* = *minkadjuwini*

Neste caso podemos ver a mesma situação do exemplo anterior, referente ao *xiphamanine*. A semelhança neste caso é que neste nome, que por sinal é, também nome de uma árvore foram associadas ao radical primitivo dois afixos. Primeiro temos um prefixo do plural (*mi-*) e de seguida o sufixo (*-ini*) que é o locativizador. A palavra que surgiu depois de se ajustarem estes dois afixos tem como significado nos cajueiros.

De salientar que por causa da ligação entre a última vogal [u] do radical e a do sufixo, houve a inserção de uma semivogal que resolve o hiato que ocorre (*minkadju* + *ini*) e,

como no português esta sequência é permitida esta não aparece na realização escrita do português.

I. Ni buya hi Minkadjuini. "Venho dos cajueiros"

**MAGOANINE**

Para este nome tem duas versões umas das quais se acredita que esta região foi chefiada por uma rainha que se chamava Mogoanine e assim a região acabou adoptando o nome da rainha. A segunda versão, que para mim é a mais convincente pressupõe que naquela região havia uma árvore de fruta que se chama (*va*) *mogowani*.

A semelhança do que ocorreu nos casos anteriores, a este substantivo *mogowani* ligou-se o sufixo *-ini* que vai transformar o radical primitivo em locativo.

Magowani + ini = magowanini

Neste caso podemos reparar que com a junção do sufixo *-ini* a palavra *magowani* temos encontro de duas vogais e houve uma resolução que foi a fusão ou alisão de uma das vogais permanecendo apenas uma delas, pelo menos numa visão superficial. Outro fenómeno que ocorreu, e que, no meu ponto de vista, foi por influência do português, foi a elisão da semivogal bilabial [w]. É que na ortografia portuguesa a ocorrência de ditongos /ua/, /oa/ se pronuncia como se entre as duas vogais acoresse a semivogal bilabial [w] e, isto não se reflecte na escrita.

**MALHANGALENE**

O nome provém da palavra *malhangalene* que surgiu pelo facto de nesta zona, nessa altura, ter havido uma movimentação muito grande de pessoas, isto é era uma zona



muito agitada, *mahlanga*. Por este motivo atribuiu-se este nome e por acupulação do locativo obteve-se o nome malhangalene.

Mahlanga- movimentação de muita gente

Mahlanga + ini =malhangaleni

Nesta combinação entre a última sílaba do radical e do sufixo obtivemos um resultado diferente dos anteriores. Primeiro houve a adição de uma vogal que foi uma forma que a língua adoptou para resolver este hiato ( é que não é possível a ocorrência de 3 vogais seguidas). Mahlanga-l-eni.

A segunda constatação diz respeito a variação da vogal inicial do sufixo (de -ini para -eni) que se deve ao encontro entre as vogais baixa [a] e alta [i] que quase sempre da origem a vogal [e]. Dai a verificar-se uma realização diferente. De referir que não se trata de um segundo sufixo (cf. Ribeiro 1965:134) só temos o sufixo -ini que vai variar de acordo com a última vogal do radical que se vai ligar ao sufixo.



### MAXAQUENE

Maxaquene é conhecido como sendo o centro dos M'pfumu onde ficava o considerado o M'pfumu mais velho e, todas as tradições partiam de desta região.

A maior parte dos bairros acima indicados eram chefiados por régulos que pertenciam a família M'pfumu com a excepção dos bairros que foram oferecidos ou dispensados aos não oriundos desta terra. São os bairros de Mafalala e Malanga.

Diz-se que o régulo desta região se chamava Maxaquene. Mas, ao que tudo indica este nome provém da palavra *maxaka* que significa família. É que sendo esta região o núcleo da família real, é onde viviam os parentes directos do M'pfumu. Assim esta era a região dos "maxaka" daí a chamar-se ka maxakeni (na família).

Temos a associação do sufixo [-ini] ao nome colectivo maxaka.

Maxaka + ini = maxakeni

### XINHEMBANINI

Esta zona é assim chamada porque a maior parte dos residentes nela eram provenientes de Inhambane e por isso falar-se muito a língua nativa de Inhambane que os tsonga apelidam de “xinyembana”. Esta zona era chefiada por um régulo de nome Makhalani e por isso chamava-se *Ka khaleni* ( se analisássemos este nome verificaríamos que também temos o sufixo acoplado depois da elisão de uma parte da palavra, indicando que se trata de um local, para além do próprio prefixo que também é um indicativo claro).

Nesta palavra temos a ligação do sufixo locativo ao radical inhambane depois de a este ter sido associado o prefixo nominal xi-.

Xi + inyembani = xinyembana “língua falada em Inhambane”

Xinyembana + ini = xinyembanini

Nita hi xinyembanine “ vem da zona da língua de Inhambane”

Neste último caso, Xinyembanine, bem como nos nomes Xipamanine e Minkadjuine são formados a partir da derivação parassintática em que se afixam a uma base um prefixo e um sufixo em simultâneo. Ora vejamos:

[Inhambane]RN → [x(i) [inyemban-] ine]] locativo

[phama]RN → [xi [phama]ini] locativo

[nkadju]RN → [mi [nkadju] ini] locativo

Nos restantes casos, o processo de formação dos nomes é o da derivação por sufixação em que temos o sufixo locativizador –ini associado aos radicais nominais para formar nomes locativos.

Exemplos:

[magowani]RN → [magowani] ini]locativo

[mahlanga]RN → [mahlanga]   eni]   locativo



## CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### CONCLUSÃO

Este trabalho teve como pano de fundo o estudo das estratégias de atribuição de nomes aos bairros da Cidade de Maputo.

Devido a factores históricos que envolveram este país em geral e cidade em particular encontramos uma variedade de nomes que caracterizam os bairros da Cidade de Maputo. E, conseqüentemente, uma miscelânea de nomes, desde os mais simples aos mais complexos, nomes de individualidades ( heróis, régulos, rainhas, etc.) até de seres da natureza, em língua europeia até língua local.

De notar que, no núcleo da cidade a tendência é ter nomes em línguas ocidentais e na periferia a tendência é ter nomes em língua local. Contudo, os critérios de adopção de nomes, tanto em línguas ocidentais como nativa são o mesmo. Atribui-se nomes de individualidades que de alguma forma marcou a história desse local ou por algum aspecto que marque ou identifique essa zona.

A estratégia de atribuição de nomes de bairros na Cidade de Maputo não obedece critérios diferenciados tanto nas línguas locais bem como nas estrangeiras (europeias).

No entanto, os nomes em línguas locais acabam tendo uma particularidade devido a natureza das próprias línguas. Diferentemente das línguas europeias no tsonga, bem como todas línguas Bantu, embora existam nomes comuns que são inerentemente locativos por designar lugares, a maior parte dos nomes precisam se acoplar a afixos locativos para poderem designar lugares. Nomes próprios de pessoas são locativizados por prefixação do elemento ka- e os nomes comuns são sufixados pelo

elemento *-ini* que, dependendo das vogais envolvidas pode ter a realização [-ini] ou [-eni].

Dos dados que acabamos de analisar podemos chegar a conclusão de que o sufixo *-ini*, que nos indica o locativização não se associa a nomes próprios de pessoas para formar o nome de um local como acontece com os nomes locativos que se formam a partir da derivação por prefixação.

A maior parte dos nomes derivados por sufixação acabaram prevalecendo tal como eram designados, sem sofrer muitas alterações, o mesmo que acontece com os nomes que não são formados por derivação com a diferença de, estes últimos terem perdido o prefixo nominal *ka-*, com a excepção de *Catembe*.

De salientar que nestes nomes os tipos de derivação que mais se evidenciam são a derivação por sufixação em que temos o sufixo *-ini* associado a um nome e, a derivação parassintática onde se verifica a afixação de um prefixo e um sufixo no nome, em simultâneo.

1. [magowani]<sub>RN</sub> → [magowani ini]<sub>locativo</sub> (derivação por sufixação)

2. [nkadju]<sub>RN</sub> → [mi [nkadju] ini]<sub>locativo</sub> (derivação parassintática)

A partir da análise feita durante a dissertação do tema em estudo podemos retirar a seguinte regra de formação dos nomes que surgiram do processo de derivação:

“o sufixo *-ini* selecciona base/radical com categoria sintáctica de nome com traço [-humano] para formar palavras (nomes) com categoria sintáctica de locativo. Ora vejamos:

ini: N<sub>[-humano]</sub> → N<sub>[locativo]</sub>

Exemplo:

[Inhembane]<sub>RN</sub> → [x(i) [inyemban-] ini]<sub>locativo</sub>

[phama]<sub>RN</sub> → [xi [phama]ini]<sub>locativo</sub>

[nkadju]<sub>RN</sub> → [mi [nkadju] ini]<sub>locativo</sub>

[Inhembane]<sub>RN</sub> → [x(i) [inyemban-] ini]<sub>locativo</sub>

[phama]<sub>RN</sub> → [xi [phama]ini]<sub>locativo</sub>

[nkadju]<sub>RN</sub> → [mi [nkadju] ini]<sub>locativo</sub>

[xikhele]<sub>RN</sub> → [xikhel-[eni]]<sub>locativo</sub>

Aparentemente, estamos diante de dois sufixos, o [-eni] e o [-ini]. Porém, trata-se do sufixo [-ini] que tem duas realizações. O tipo de realização depende na maioria dos casos das características da última vogal do radical a qual se associa o sufixo. Se a vogal for baixa ao ligar-se a vogal alta [i] e [u] do sufixo a realização será [-ini], se for baixa [a] a realização será [-eni].

Alta + alta = alta

Minkadju + ini = minkadjuini

Magowani + ini = magowanini

Baixa + alta = alta

Mahlanga + ini = mahlangaleni

Temos alguns casos em que o que influencia a realização do sufixo é o prefixo ora associado ao radical em caso de palavras formadas pelo processo de derivação parassintática.

Xiphama + ini = xiphamanini

Xinyembana + ini = xinyembanini

Nestes casos temos no final dos radicais vogais baixas que deviam influenciar como nos casos acima a realização [-eni] do sufixo. No entanto isto não se verifica. Concluindo-se assim que o que influencia a realização do sufixo, neste caso, é a vogal final do prefixo *xi-*. A vogal alta deste prefixo influencia para a realização do sufixo locativizador seja [ini].

Em suma, os nomes que provém de nomes próprios de pessoas se tomam locativos com a adição do prefixo *ka-* e, os nomes provenientes de nomes com características de nomes colectivos tomam-se locativos com a adição do sufixo *-ini*. O sufixo *-ini* não se associa a base nominais com traços [+humano]. Por outro lado o prefixo *ka-* só se associa a bases que sejam nomes próprios para formar locativos.

De referir que alguns dos nomes dos bairros forem mudados. Porem os residentes de certos bairros não assumem os novos nomes, talvez porque não se identificam com estes. Embora administrativamente estes nomes estejam em vigor, as pessoas continuam a usar os nomes antigos mesmo nos seus registos, o que tem dificultado de certo modo nas questões burocráticas.

## 5.1 RECOMENDAÇÕES

Para quem estiver interessado em desenvolver estudos nesta área, recomendo que faça investigações mais profundas e se puder procurar informações a partir da família mais próximo dos antigos régulos destas regiões.

Para os que estão directamente ligados ao endereçamento deviam fazer estudos mais aprofundados sobre a toponímia da Cidade de Maputo bem como do país em geral.

Pois, pelo que pude notar tem muito pouca informação a respeito.

Para estudos posteriores recomendo que se faça uma descrição mais detalhada sobre a formação dos topónimos e as regras que estão em volta das mesmas. Recomendo, também que se desenvolva a questão da ortografia destes topónimos bem como sobre a sua etimologia.



## CAPÍTULO VI: BIBLIOGRAFIA

BRAM, J. (1955) *Language and Society*. New York University

CAMARA, Jr. J.M. (1984) *Dicionário de Linguística e Gramática*. 1ª ed.

Petrópolis: Vozes.

CANTEIRO, J. (1986) *Dicionário de Linguística*. Madrid: Anaya

CRYSTAL, D. (1987) *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge:

Cambridge University press

CUNHA, C. & CINTRA, L (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.

Lisboa: Edições João Sá da Costa

----- (2005) *Directório Comercial de Moçambique*. Maputo

----- (1997) *Endereçamento da Cidade de Maputo. Guia das Vias*. Maputo:

Conselho Municipal da Cidade de Maputo.

FIRMINO, G. (2000) *A situação linguística de Moçambique. Dados*

*do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997*.

Maputo: INE

FIRMINO, G. (2002) *A "Questão Linguística" na África Pós-Colonial:*

*O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*.

Maputo: Promédia

FOLIGE, A.A. (1998) *Questões para uma Planificação Linguística em Moçambique*.

Dissertação de Licenciatura (não publicada). Maputo: UEM

GONSALVES & Chimbutana (s/d) *Caderno de Morfologia e Sintaxe*

(não publicada)

--- (1999) *Gramática Fácil da língua Portuguesa*. 2ª ed. Maputo: Editora.

--- (s/d) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa e Rio de

Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada. Pp 467-470

GUTHRIE, M.(1967-71). *Comparative Bantu*. Vols I-IV. Claredon: Oxford University Press.

JAMES, C. (1998) *Constrative Analysis*. London: Longmen.

JUNOD, H. (1996) *Usos e costumes bantu. (Tomo I)*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

KATHUPA (1988) O Panorama Linguístico de Moçambique e a contribuição e a Contribuição Linguística na Definição de uma Política Linguística Apropriada. Lua Nova: *Artes e Letras*. Pp 27-32.

LANDAR, H. (1957) *Language and Culture*. New York: Swiss Mission in SA

LOPES, A. J. (1999) The language situation in Mozambique. In R.B Kamplam & B.R. Baldauf, Jr (eds) *Language Planning in Malawi, Mozambique & Philippines* (pp 86-132). Clevedon: multilingual Matters

LOPES, A. J. (1998) *Language Revitalization and Reversal in Mozambique. The case of Xironga in Maputo*.

LOPES, A. J. (1997) *Language Policy: Principles and Problems*. Maputo: UEM – Livraria Universitária.

MAGAIA, J.A. (1999) O Caso da Coexistência do Ronga e do Changana na Cidade de Maputo. Dissertação de licenciatura. (não Publicada). Maputo: UEM

MATEUS, M.H.M. et al (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho

MATEUS, M.H.M. et al (1990) *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

NGUNGA, A. (1987) As línguas Bantu de Moçambique. In *Limani 2*. Faculdade de Letras - UEM

RIBEIRO, A. (1965) *Gramática do Changana*. Uganda:

Editorial Evangelizar.

SITOE & NGUNGA (2000) *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da*

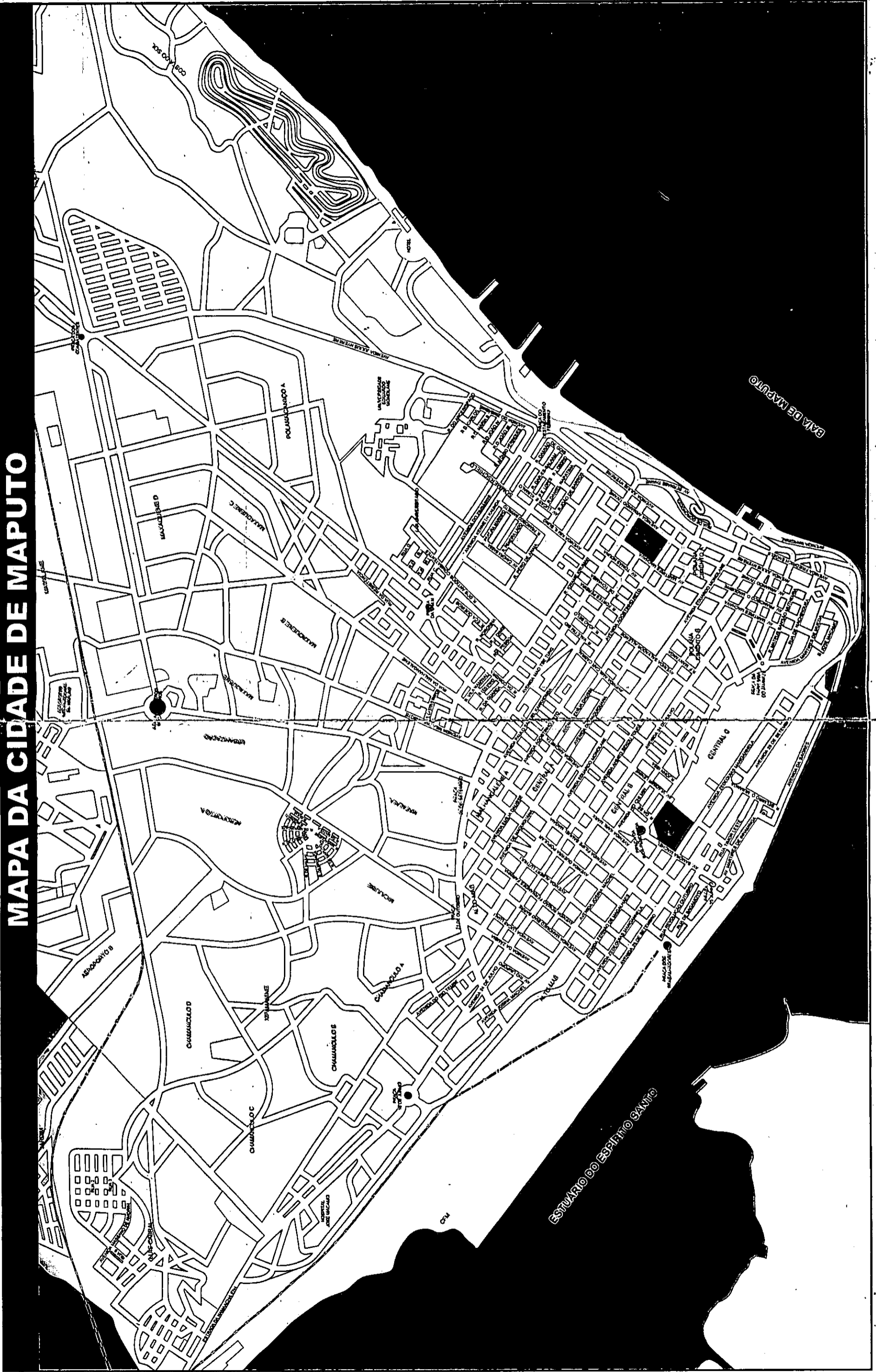
*Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO

SITOE, B. (2001) *Verbs of Motion in Changana*. Netherlands: Leiden University

XAVIER, M. & MATEUS, M. H. (org) (1992) *Dicionário de*

*Termos Linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos.

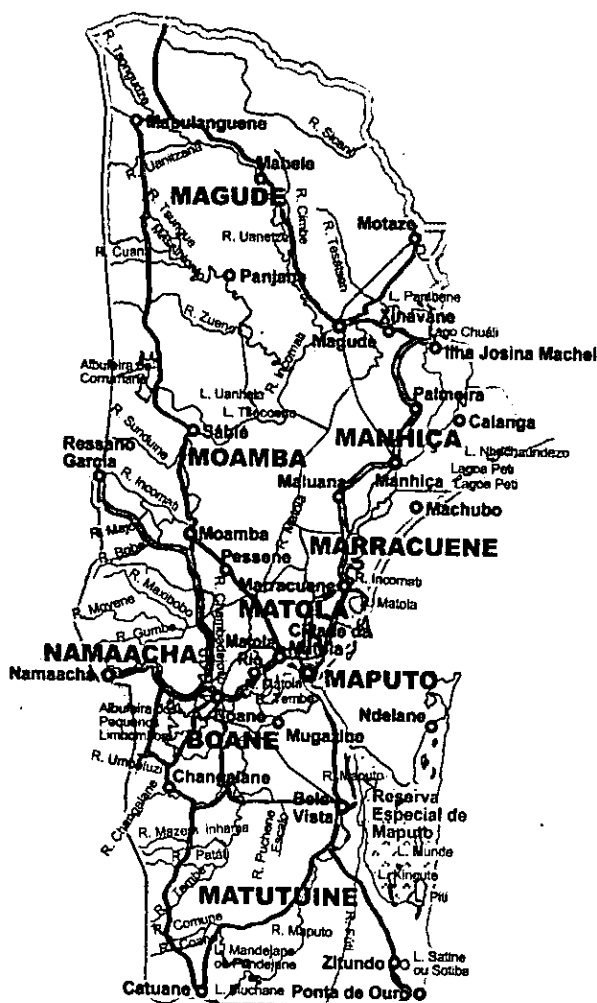
# MAPA DA CIDADE DE MAPUTO



# PROVÍNCIA DE MAPUTO



- Sede de Província
- Sede de Distrito
- Sede de Posto Administrativo
- ▬ Estradas Principais
- ▬ Estradas Secundárias
- ▬ Rios
- ▬ Limite de Distrito
- ▬ Linhas Ferreas



## PROVÍNCIA DE MAPUTO

### LINHAS EXTERIORES

**Latitude (Maputo Cidade)**  
 Extremo Norte 25° 49' 09"  
 Extremo Sul 26° 05' 23"  
**Longitude (Maputo Cidade)**  
 Extremo Este 33° 00' 00"  
 Extremo Oeste 32° 26' 15"  
**Latitude (Maputo Província)**  
 Extremo Norte 24° 15' 00"  
 Extremo Sul 26° 51' 45"  
**Longitude (Maputo Província)**  
 Extremo Este 32° 58' 46"  
 Extremo Oeste 32° 02' 25"

### EXTENSÃO TERRITORIAL

Superfície Terrestre e Superfície das Águas  
 Total 26.358  
 Província/País (%) 3,3

### ÁGUAS INTERIORES E LITORAL

**Lagos:**  
 Pati, Maundo, Chingute, Pili e Satine  
**Baias:**  
 Maputo  
**Cabos:**  
 St.ª Maria  
**Ilhas:**  
 Inhaca, Xefinas e Elefantes

### ALTITUDE MÁXIMA

Monte Monduine 801 m

### POPULAÇÃO (Cidade Maputo) (2001)

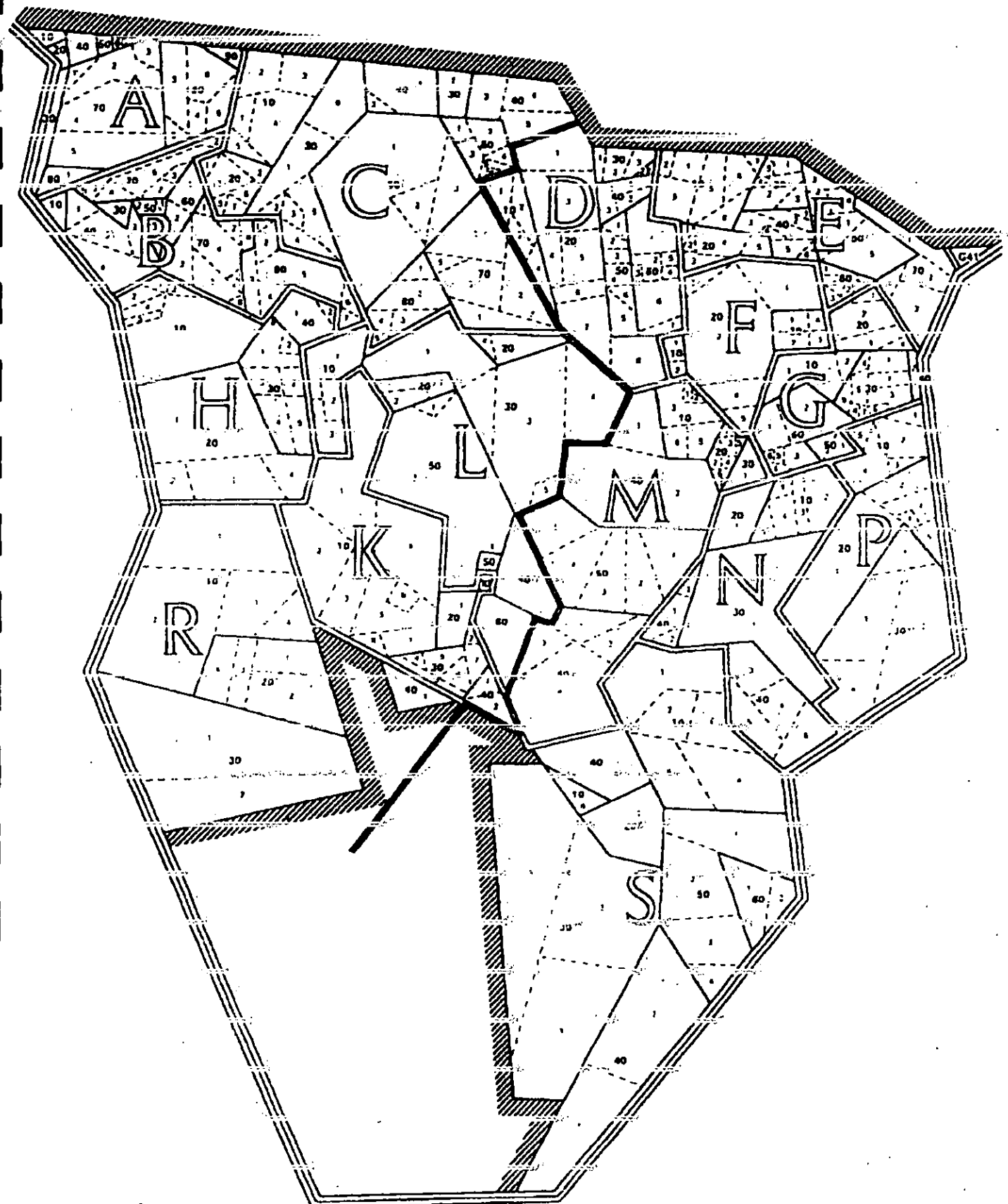
Homens 571.000 (%) 49.1  
 Mulheres 591.000 (%) 50.9  
 Total 1.162.000 (%) 100  
 Província/País  
 6.3 (%)  
 Densidade Populacional  
 3.875 Habitantes por Km<sup>2</sup>

### POPULAÇÃO (Província de Maputo) (2003)

Homens 469.000 (%) 47.4  
 Mulheres 521.000 (%) 56.2  
 Total 990.000 (%) 100  
 Província/País  
 5.3 (%)  
 Densidade Populacional  
 38 Habitantes por Km<sup>2</sup>

### CLIMA (2003)

**País**  
 Temperatura:  
 Média = 24.1  
 Máxima = 45.3  
 Mínima = 6.8  
 Precipitação (mm) 100089.7  
 Humidade do Ar (%) 358.4  
**Cidade de Maputo**  
 Temperatura:  
 Média = 23.6  
 Máxima = 41.5  
 Mínima = 9.4  
 Precipitação (mm) 360.0  
 Humidade do Ar (%) 64.1



Guthrie's classification